

ATIVIDADE ECONÔMICA

Indicadores mensais de indústria, comércio e serviços

Sumário.

Após o recuo registrado pelo PIB de -0,1% no terceiro trimestre de 2021, os indicadores mensais de atividade econômica (comércio, indústria e serviços) apresentaram quedas em outubro. Com isso, dois dos principais indicadores que buscam sintetizar a atividade econômica brasileira recuaram no início do quarto trimestre tiveram o seguinte resultado: o Monitor do PIB, da FGV, caiu 0,7%; e o Indicador de Atividade Econômica (IBC-Br), do Banco Central, cedeu 0,4%.¹ Essa piora no ritmo da atividade nos últimos meses aconteceu de maneira bastante disseminada entre os segmentos produtivos. Como reflexo deste quadro, os indicadores que medem os níveis de confiança entre os agentes econômicos apresentaram recuo de modo generalizado. Nossas previsões indicam, no entanto, que os indicadores de novembro devem apresentar crescimento, com exceção do comércio varejista ampliado. Com isso, a previsão da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea é que o Monitor do PIB cresça 0,4% em novembro, o que melhora a perspectiva para o resultado do PIB do quarto trimestre.

A indústria continua enfrentando um cenário desafiador, caracterizado por gargalos pelo lado da oferta e por uma demanda que vem perdendo fôlego. De acordo com a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), do IBGE, a queda de 0,6% em outubro foi a quinta consecutiva na margem, e a oitava em dez meses. Além da alta do frete (nacional e internacional) e da escassez de matérias-primas, que desorganizam algumas cadeias produtivas e encarecem os insumos, o setor manufatureiro se depara com os efeitos da crise hídrica sobre a capacidade de geração de energia elétrica e o consequente aumento dos custos. Entre os grandes grupos econômicos, enquanto a produção de bens de consumo continua apresentando os piores resultados, a indústria de bens de capital voltou a ser o destaque positivo, tendo como principais demandantes o agronegócio, a construção civil e as indústrias extrativas. Embora o desempenho da produção industrial venha se mostrando fraco ao longo do ano, a demanda por bens industriais tem apresentado um resultado mais favorável. De acordo com o Indicador Ipea de Consumo Aparente de bens industriais, enquanto a demanda registrou crescimento de 8,2% na comparação acumulada em doze meses, a produção industrial, mensurada pela PIM-PF, acumulou um aumento de 5,6% em outubro. Em relação ao mês de novembro, a Dimac/Ipea estima que a produção industrial tenha crescido 0,6% na margem, interrompendo uma sequência de cinco meses de queda. Este resultado deixaria a produção num patamar 3,3% inferior ao observado no mesmo período de 2020.

Leonardo Mello de Carvalho

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

José Ronaldo de C. Souza Júnior

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

ronaldo.souza@ipea.gov.br

Divulgado em 22 de dezembro de 2021.

1. Ambos na comparação entre os meses de outubro e setembro, já descontados os efeitos da sazonalidade.

Já as vendas de bens, medidas na Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), do IBGE, recuaram 0,9% na margem em outubro, a terceira queda consecutiva nessa base de comparação. Com esse resultado, o volume de vendas no varejo ampliado recuou para um patamar 2,8% inferior ao nível pré-pandemia – medido em fevereiro de 2020. De fato, após a rápida recuperação em relação ao tombo ocorrido em abril do ano passado, as vendas têm apresentado desempenho modesto, com uma taxa média de crescimento mensal de -0,2% entre os meses de setembro de 2020 e outubro último. Embora o mercado de trabalho venha se recuperando, o orçamento das famílias segue pressionado pela inflação e pelo encarecimento do crédito. Entre os fatores positivos, num contexto onde os níveis de inadimplência têm se mantido estáveis, os programas de transferência de renda, como o Auxílio Brasil, podem dar algum fôlego ao consumo. Nossas previsões apontam uma queda de 0,7% para o resultado do comércio varejista (conceito ampliado) em novembro, na série sem efeitos sazonais. Já as vendas no varejo restrito devem avançar 0,3%, na mesma base de comparação.

O setor de serviços, por fim, também apresentou acomodação nos últimos meses. Segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE, o setor recuou 1,2% em outubro, na série livre de efeitos sazonais. O resultado representou a segunda variação negativa consecutiva nesta base de comparação. Entre os segmentos, o de serviços prestados às famílias foi o único a registrar crescimento na margem, com alta de 2,7%. Esta atividade, na qual a interação presencial é mais necessária, segue sendo estimulada pela melhora nos índices de mobilidade urbana. Esse efeito deve persistir nos próximos meses, embora a inflação de serviços também já apresente aceleração. Para novembro, a Dimac/Ipea projeta altas de 0,4% na série com ajuste sazonal, e de 7,5% na comparação interanual. O destaque positivo novamente fica por conta do segmento de serviços prestados às famílias, com avanço previsto de 1,1% na margem.

1 Resultados gerais

O desempenho recente dos indicadores setoriais de atividade econômica de outubro mostra que, pelo segundo mês seguido, todos os três setores produtivos registraram recuo na margem (tabela 1). Com isso, dois dos principais indicadores que buscam sintetizar a atividade econômica brasileira recuaram no início do quarto trimestre. O IBC-Br caiu 0,4% na comparação entre os meses de outubro e setembro, na série dessazonalizada. Esta foi a quarta retração seguida do indicador na margem. Na comparação interanual, a queda de 1,5% foi a primeira desde janeiro de 2021. O monitor do PIB, da FGV, por sua vez, também recuou na margem, registrando baixa de 0,7% sobre setembro, a segunda consecutiva. Na comparação contra outubro de 2020, o indicador permaneceu estável.

TABELA 1
Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento e previsões para novembro de 2021
 (Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior			
	Ago./21	Set./21	Out./21	Previsão Dimac/Ipea - Nov./21	Ago./21	Set./21	Out./21	Previsão Dimac/Ipea - Nov./21
Monitor do PIB	0,1	-0,1	-0,7	0,4	4,7	2,2	0,0	1,6
Produção Industrial	-0,8	-0,6	-0,6	0,6	-0,5	-4,1	-7,8	-3,3
Comércio Varejista (ampliado) ¹	-3,1	-1,0	-0,9	-0,7	-0,1	-3,9	-7,1	-4,9
Comércio Varejista (restrito)	-4,1	-1,1	-0,1	0,3	-4,1	-5,1	-7,1	-5,1
Serviços	0,5	-0,7	-1,2	0,4	16,5	11,5	7,5	7,4

Fonte: IBGE; BCB; FGV; Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Indicador do comércio varejista ampliado inclui as vendas de veículos e de materiais de construção.

A perda de tração da atividade econômica nos últimos meses tem sido caracterizada por baixos níveis de difusão, indicando que esse arrefecimento tem ocorrido de maneira disseminada. De acordo com o indicador de difusão setorial, a proporção dos segmentos que apresentaram crescimento na margem ao longo dos meses vem apresentando tendência declinante desde junho de 2020. Em outubro, apenas quatorze segmentos avançaram, de um total de cinquenta, reduzindo o índice de 37,3% para 26,9%. Este foi o pior resultado desde abril do ano passado, quando, no pior momento da crise sanitária, apenas três segmentos apresentaram crescimento na margem (gráfico 1).

Em relação aos resultados referentes ao mês de novembro, a Dimac/Ipea projeta uma melhora no desempenho da atividade econômica (tabela 1). Se, por um lado, as vendas no varejo devem voltar a recuar na margem, influenciadas, principalmente, pela queda nas vendas de automóveis no período, a produção industrial e o setor de serviços devem interromper a sequência de recuos na comparação dessazonalizada. Esse crescimento previsto, embora não devolva totalmente as perdas acumuladas nos meses anteriores, melhora o carregamento estatístico para o quarto trimestre de 2021.

2 Indústria

A produção física da indústria recuou 0,6% na comparação entre outubro e setembro, na série com ajuste sazonal, de acordo com a PIM-PF. Com esse resultado, a quinta variação negativa seguida, o trimestre móvel encerrado em outubro registrou quedas de 2,4% na margem. Nas comparações interanuais, as quedas foram de 7,8% e 4,2% (tabela 2). Entre as classes, a maior contribuição negativa veio das indústrias extrativas, com baixa de 8,6% na comparação dessazonalizada. A indústria de transformação, por sua vez, permaneceu praticamente estagnada, com pequeno recuo de 0,1% na margem.

TABELA 2
Produção industrial (PIM-PF) e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento
(Em %)

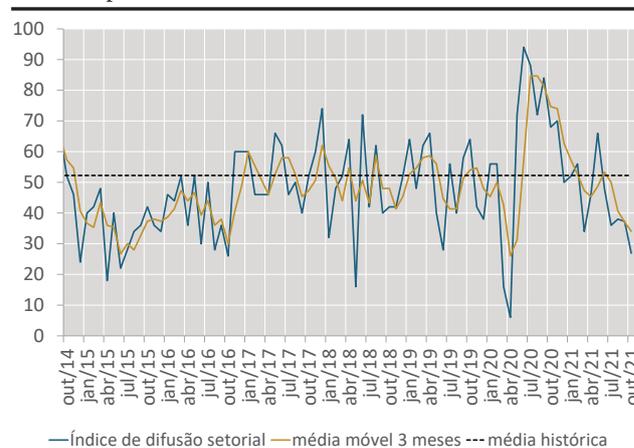
	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Ago./21	Set./21	Out./21	TRIM ¹	Ago./21	Set./21	Out./21	TRIM ¹	no ano	Em doze meses
Geral	-0,8	-0,6	-0,6	-2,4	-0,5	-4,1	-7,8	-4,2	5,7	5,6
Classes										
Indústrias Extrativas	-0,2	2,2	-8,6	-2,9	-1,4	3,1	-4,7	-1,0	0,6	-0,6
Transformação	-0,8	-0,5	-0,1	-2,2	-0,4	-4,9	-8,2	-4,6	6,4	6,5
Grupos Econômicos										
Capital	-1,2	-1,1	2,0	0,6	31,6	15,1	8,4	17,6	34,1	32,2
Intermediários	-0,6	-0,2	-0,9	-1,8	-1,9	-3,5	-6,4	-3,9	4,6	4,8
Consumo	-0,4	0,1	-0,6	-1,2	-4,8	-9,3	-14,0	-9,5	2,1	2,0
Duráveis	-3,7	-0,6	-1,9	-7,2	-17,9	-23,3	-27,9	-23,2	7,1	7,2
Semi e Não-Duráveis	0,6	-0,2	-1,2	-0,5	-1,3	-5,7	-10,2	-5,9	0,9	0,7
Insumos da Construção Civil	-2,0	-2,1	-3,0	-4,9	1,5	-4,4	-9,8	-4,4	12,1	12,7

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

GRÁFICO 1
Atividade econômica: evolução do indicador de difusão setorial¹ (out./2014-out./2021)
(Em taxa percentual)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ O indicador de difusão setorial mede a porcentagem dos segmentos produtivos que registraram crescimento na comparação com o período anterior, já descontados os efeitos sazonais. Seu cálculo é realizado a partir do desempenho de cinquenta segmentos, definidos de acordo com as classificações utilizadas nas pesquisas setoriais do IBGE (PIM-PF, PMC e PMS).

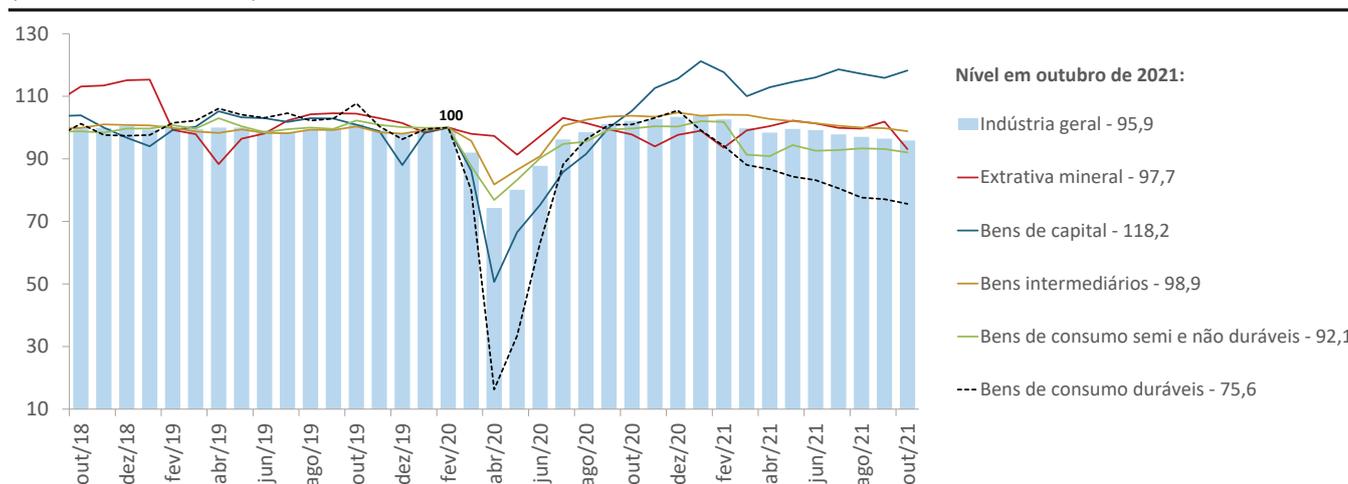
Além da alta do frete (nacional e internacional) e da escassez de matérias-primas, que seguem desorganizando cadeias produtivas e encarecendo os insumos, o setor manufatureiro se depara com os efeitos da crise hídrica sobre a capacidade de geração de energia elétrica, contribuindo para o aumento dos custos. Além dos combustíveis, cujo preço ao atacado acumulou alta de 82% nos doze meses encerrados em novembro, outros setores também trazem pressões, como os de bens intermediários, principalmente no segmento de suprimentos, que acumula alta de 60,6% na mesma base de comparação (tabela 3).

TABELA 3
Índice de Preços ao Produtor (IPA): taxas de variação acumuladas
 (Em %)

	Variações acumuladas			
	Mar./20-Nov./21	Jan/20-Nov/20	Jan/21-Nov/21	12 Meses
IPA - Todos os itens	56,7	30,8	18,8	19,6
Bens finais	36,2	13,8	16,8	18,6
Bens de consumo duráveis	26,0	9,3	14,9	15,6
Alimentação	41,1	23,0	9,7	12,2
Combustíveis	80,1	-6,0	71,5	82,0
Bens de consumo não duráveis exceto alimentação e combustíveis	16,3	5,5	10,4	10,7
Bens de investimento	40,6	14,4	24,1	25,0
Bens intermediários	67,3	19,8	37,2	39,4
Materiais e componentes para a manufatura	66,6	29,4	30,1	30,6
Embalagens	55,6	19,4	29,5	32,1
Suprimentos	90,5	17,6	59,8	60,6
Matérias-primas brutas	67,8	61,9	5,2	4,3
Mat. Primas brutas agropecuárias	76,5	58,1	19,3	12,8
Minerais	41,4	72,9	-27,2	-18,5

Fonte: FGV.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2
Produção industrial: evolução da indústria geral e grupos econômicos – séries dessazonalizadas (out./2018-out./2021)
 (Índice fev./2020 = 100)



Fonte: Ipea e IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

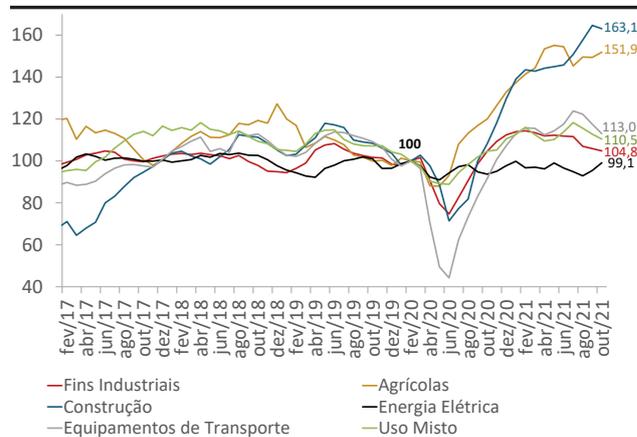
Entre os grandes grupos econômicos, a produção de bens de consumo duráveis continua apresentando os piores resultados. Tendo alguns segmentos ainda bastante afetados pela escassez de insumos, a queda de 1,9% em outubro representou a décima variação negativa seguida na margem. Em contrapartida, a produção de bens de capital tem sido o grande destaque positivo ao longo de 2021, atingindo em outubro um patamar 18,2% superior ao período pré-pandemia (gráfico 2). Grande parte do crescimento da produção de máquinas e equi-

pamentos tem sido motivada para atender à demanda nos setores do agronegócio e da construção civil. Outros segmentos que vinham destacando-se como destino para os bens de capital, como é o caso dos equipamentos para transporte e uso misto, perderam fôlego nos últimos três meses (gráfico 3).

Embora o desempenho da produção industrial venha se mostrando fraco ao longo do ano, a demanda por bens industriais tem apresentado um resultado mais favorável. De acordo com o Indicador Ipea de Consumo Aparente de bens industriais, enquanto a demanda registrou crescimento de 8,2% na comparação acumulada em doze meses, a produção industrial, mensurada pela PIM-PF, acumulou um aumento de 5,6% em outubro. Entre os grandes grupos econômicos, com exceção dos bens de capital, todos os demais apresentam um crescimento da demanda acima da produção interna, indicando uma maior participação dos bens importados (tabela 4). No caso do consumo aparente de bens de capital, enquanto as exportações de máquinas e equipamentos cresceram 17,8% no acumulado em doze meses, as importações aumentaram 13,5%.

GRÁFICO 3
Produção industrial, índices especiais: bens de capital por segmento – séries dessazonalizadas (médias móveis de três meses)

(Fev./2020 = 100)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 4

Consumo aparente de bens industriais: evolução das taxas de crescimento (Em %)

	Contra Período Anterior Dessazonalizado				Contra Igual Período do Ano Anterior				Acumulado	
	Ago./21	Set./21	Out./21	TRIM ¹	Ago./21	Set./21	Out./21	TRIM ¹	no ano	Em doze meses
Indústria Geral	-3,3	2,6	-1,4	-3,3	3,2	-1,0	-4,6	-0,9	8,6	8,2
Extrativa Mineral	-15,1	13,0	-21,3	-6,1	-0,1	24,3	-8,7	4,5	8,6	3,3
Transformação	-1,8	1,4	-0,1	-2,9	3,5	-2,3	-4,2	-1,1	8,6	8,5
Grandes categorias										
Capital	-3,2	0,9	1,1	-5,9	14,8	1,9	2,6	6,1	17,0	19,6
Intermediários	-2,4	1,2	-1,4	-2,9	6,1	3,2	-0,8	2,8	10,9	10,0
Consumo	-3,3	1,2	-2,3	-4,6	-2,4	-7,5	-10,8	-7,0	3,2	3,1
Duráveis	-9,8	6,9	-4,9	-10,6	-6,8	-7,0	-15,4	-9,9	15,3	13,3
Semi e não duráveis	-2,1	-0,2	-1,9	-4,1	-2,2	-7,0	-8,2	-5,3	0,7	0,7

Fontes: Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

Para novembro, no entanto, a Dimac/Ipea estima que a produção industrial tenha avançado 0,6% na série sem efeitos sazonais, com queda de 3,3% na comparação com o mesmo período de 2020 (tabela 5). Com isso, o *carry-over* para o quarto trimestre ficaria em -0,9%. Esse resultado contou com uma contribuição positiva das indústrias extrativas, que estimamos terem avançado 5% na margem. Já a indústria de transformação deve registrar alta de 0,4% na mesma comparação. O crescimento previsto para novembro teria um nível de difusão elevado entre os setores produtivos, com destaque para a produção de equipamentos de informática e eletrônicos; e veículos automotores, com crescimentos previstos de 9,7% e 9,8%, respectivamente. Um dos segmentos mais afetados pela escassez de componentes tecnológicos, o setor automobilístico já trabalha com perspectivas mais otimistas a este respeito.

TABELA 5

Indústria, setores produtivos: desempenho recente e previsão para novembro de 2021 – variação contra o período anterior dessazonalizada (Em %)

	Jun./21	Jul./21	Ago./21	Set./21	Out./21	Nov./21 (previsão)
Indústria geral	-0,3	-1,4	-0,8	-0,6	-0,6	0,6
Indústrias extrativas	-0,9	-1,4	-0,2	2,2	-8,6	5,0
Indústrias de transformação	-0,7	-1,3	-0,8	-0,5	-0,1	0,4
Alimentos	-2,1	-2,4	1,7	-3,2	-4,2	3,5
Têxtil	0,3	-1,2	3,1	-0,8	-7,7	3,9
Vestuário	-1,8	2,6	-1,9	0,8	-4,1	1,0
Couro e calçados	4,6	-2,6	0,7	-6,0	-1,7	0,3
Celulose e papel	-1,4	0,4	0,0	1,4	1,0	-1,2
Derivados de petróleo e biocomb.	3,9	2,6	-2,4	1,0	3,7	1,0
Químicos	-0,9	-1,4	-5,5	2,4	2,1	0,9
Limpeza e perfumaria	-1,4	1,9	-0,4	0,9	-1,8	1,5
Farmacêuticos	0,9	3,6	-11,3	6,5	-2,4	1,3
Borracha e plásticos	-1,3	-1,7	-0,9	1,0	1,8	-0,2
Minerais não-metálicos	-0,5	-2,1	0,4	-0,6	-1,0	1,3
Metalurgia	0,3	-1,1	0,3	-2,7	-1,9	0,6
Metais	-3,0	-0,8	-0,3	0,0	-1,9	0,8
Informática e eletrônicos	1,9	-5,3	-6,9	-1,5	-2,0	9,7
Máquinas e materiais elétricos	-2,6	-2,5	-1,9	1,9	-5,6	1,5
Máquinas e equipamentos	2,8	-3,7	-0,3	1,8	-4,9	-1,9
Veículos automotores	-3,6	-1,6	-3,0	0,0	-0,8	9,8
Outros equipamentos de transporte	10,2	-15,3	0,8	-7,4	2,0	1,9
Outros produtos	-2,4	-4,9	-0,7	1,1	2,3	-3,2
Insumos construção civil	-0,1	-0,7	-2,0	-2,1	-3,0	1,4

Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Comércio

De acordo com a PMC, as vendas no comércio varejista, no conceito ampliado, recuaram 0,9% na margem em outubro, a terceira queda consecutiva nessa base de comparação. Excluindo as vendas de veículos e materiais de construção, a queda foi de 0,1%. Na comparação interanual, ambas ficaram 7,1% abaixo do patamar verificado em novembro de 2020. Entre os segmentos, apenas três registraram crescimento na margem, com destaque a venda de materiais de escritório e informática, com alta de 5,6%. Já as vendas em hipermercados e de materiais de construção exerceram as maiores contribuições negativas, com recuos de 0,6% e 0,9% na margem, respectivamente (tabela 6).

Com esse resultado, o volume de vendas no varejo ampliado retrocedeu para um nível 2,8% inferior ao nível pré-pandemia, medido em fevereiro de 2020. De fato, após a rápida recuperação em relação ao tombo ocorrido em abril daquele ano, as vendas têm apresentado desempenho modesto, com uma taxa média de crescimento mensal de -0,2% entre os meses de setembro de 2020 e outubro último (gráfico 4). Entre os segmentos, apenas quatro encontram-se acima do nível pré-pandemia, com destaque para materiais de construção (10,9%) e artigos farmacêuticos (11,7%). Embora o mercado de trabalho venha se recuperando, o orçamento das famílias segue pressionado pela aceleração inflacionária e pelo encarecimento do crédito. Com base nos deflatores da PMC, a grande maioria dos segmentos apresenta taxas de inflação acumuladas em doze meses acima de dois dígitos. Entre aqueles mais pressionados, os preços dos combustíveis (45,1%), dos materiais de construção (23,2%) e dos veículos (15,7%) apresentaram as maiores altas (gráfico 5).

TABELA 6
Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Ago./21	Set./21	Out./21	Trim. ¹	Ago./21	Set./21	Out./21	Trim.	no ano	Em 12 Meses
Comércio varejista restrito²	-4,1	-1,1	-0,1	-3,3	-4,1	-5,1	-7,1	-5,4	2,6	2,6
Comércio varejista ampliado³	-3,1	-1,0	-0,9	-4,0	-0,1	-3,9	-7,1	-3,8	6,3	5,7
1. Combustíveis e lubrificantes	-3,1	-2,8	-0,3	-5,4	0,4	-4,2	-7,8	-4,0	1,7	0,2
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-0,9	-1,3	-0,3	-1,8	-4,6	-3,2	-5,6	-4,5	-3,2	-2,4
2.1 Hipermercados e supermercados	-1,0	-1,1	-0,6	-1,9	-4,7	-2,9	-5,5	-4,4	-2,9	-2,0
3. Tecidos, vestuário e calçados	0,9	-1,0	0,6	1,7	1,2	0,4	-2,0	-0,2	20,4	11,9
4. Móveis e eletrodomésticos	-2,9	-3,4	-0,5	-6,8	-19,8	-22,6	-22,1	-21,5	-3,4	-0,7
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	0,2	0,0	-0,1	0,3	6,6	4,2	-0,1	3,5	10,9	11,2
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	-1,4	0,0	-1,1	-4,3	1,6	-3,5	-7,8	-3,3	-18,5	-21,3
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-4,9	-3,2	5,6	-6,8	-9,1	-14,6	-11,1	-11,6	-1,0	-3,2
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-19,5	-2,0	1,4	-10,6	-1,5	-6,7	-7,2	-5,2	18,3	15,9
9. Veículos, motos, partes e peças	0,3	-1,7	-0,5	-1,0	16,2	2,9	-4,0	4,7	18,4	15,1
10. Materiais de construção	-1,1	-1,0	-0,9	-4,7	-6,9	-10,1	-13,7	-10,3	6,8	8,5

Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

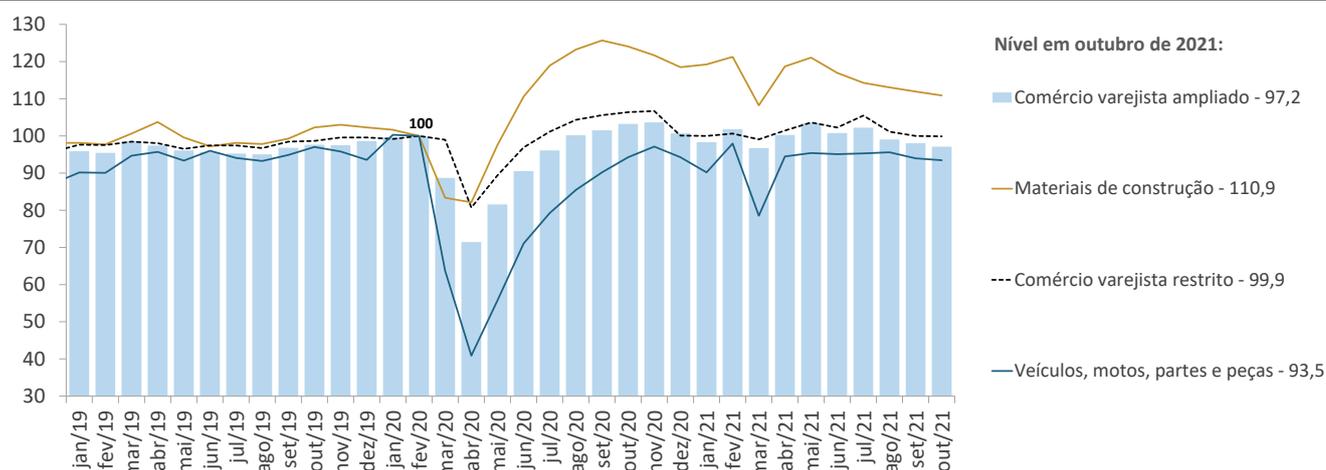
Notas:

¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

³ O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

GRÁFICO 4
Comércio varejista: evolução do total e subsectores – séries dessazonalizadas (jan./2019-out./2021)
 (Fev./2020 = 100)



Fonte: Ipea e IBGE.

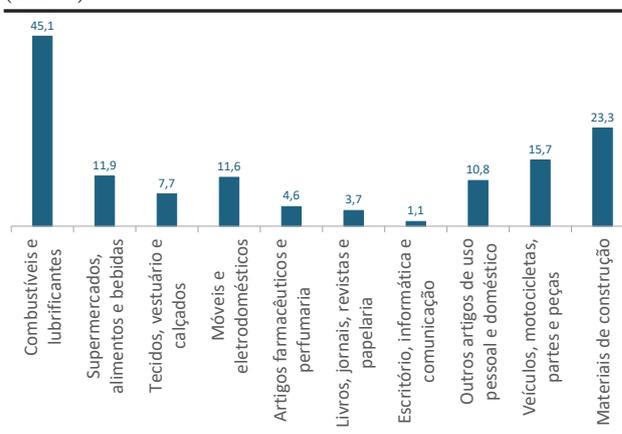
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Além disso, com a normalização das atividades no setor de serviços, é provável que uma parcela da renda que vinha sendo gasta com a aquisição de bens volte a ser direcionada aos serviços. Entre os fatores positivos,

num contexto em que os níveis de inadimplência têm se mantido estáveis, os programas de transferência de renda, como o Auxílio Brasil, podem dar algum fôlego ao consumo de bens.

Em relação a novembro, com base nos indicadores coincidentes divulgados até o momento, a Dimac/Ipea espera uma baixa de 0,7% na margem para o varejo ampliado, com queda interanual de 4,9%. Com este resultado, o *carry-over* para o quarto trimestre ficaria em -3,2%. Já no conceito de varejo restrito, prevemos uma alta de 0,3% na margem, com recuo de 5,1% sobre novembro de 2020. A diferença se explica pela retração de 3,1% prevista para as vendas de veículos em novembro (tabela 7). Refletindo uma piora nas condições de crédito, juntamente com uma redução dos níveis de confiança, as concessões com recursos livres para aquisição de veículos vêm caindo ao longo de todo o segundo semestre, de acordo com os dados do Banco Central do Brasil (BCB).

GRÁFICO 5
Comércio varejista: deflator implícito – taxas de variação acumuladas em doze meses (out./2021) (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 7
Comércio varejista: desempenho recente e previsão para novembro de 2021 – variação contra o período anterior dessazonalizada (Em %)

	Jun./21	Jul./21	Ago./21	Set./21	Out./21	Nov./21 (previsão)
Varejo ampliado	-2,6	1,4	-3,1	-1,0	-0,9	-0,7
Varejo restrito	-1,3	3,1	-4,1	-1,1	-0,1	0,3
Combustíveis e lubrificantes	-0,8	-0,3	-3,1	-2,8	-0,3	2,9
Hiper e supermercados	-0,2	0,2	-0,9	-1,3	-0,3	1,0
Tecidos, vestuário e calçados	0,4	1,8	0,9	-1,0	0,6	1,7
Móveis e eletrodomésticos	-0,2	-2,3	-2,9	-3,4	-0,5	-1,2
Artigos farmacêuticos e perfumaria	0,4	0,0	0,2	0,0	-0,1	-0,5
Veículos, motocicletas, partes e peças	-0,3	0,2	0,3	-1,7	-0,5	-3,1
Material de construção	-3,4	-2,3	-1,1	-1,0	-0,9	0,5

Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Serviços

O setor de serviços, por fim, também apresentou acomodação nos últimos meses. Segundo a PMS/IBGE, o setor recuou 1,2% em outubro, na série livre de efeitos sazonais. O resultado representou a segunda variação negativa consecutiva nesta base de comparação. No trimestre móvel encerrado em outubro, todavia, o resultado ainda é positivo (0,8%). Na comparação com o mesmo período do ano anterior, o crescimento foi de 7,5%. Entre os segmentos, o de serviços prestados às famílias foi o único a registrar crescimento na margem pelo segundo mês seguido, com alta de 2,7% (tabela 8).

TABELA 8
Serviços (PMS): evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Ago./21	Set./21	Out./21	Trim. ¹	Ago/21	Set./21	Out./21	Trim.	no ano	Em 12 Meses
Total	0,5	-0,7	-1,2	0,8	16,5	11,5	7,5	11,7	11,0	8,2
1. Serviços prestados às famílias	4,3	1,6	2,7	10,7	42,3	32,9	26,4	33,1	17,7	6,6
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	4,6	1,9	2,5	11,7	46,3	37,7	28,4	36,6	20,1	8,1
1.2 Outros serviços prestados às famílias	-0,3	0,1	1,0	1,4	23,5	9,2	14,7	15,5	5,5	-1,4
2. Serviços de informação e comunicação	1,2	-0,9	-1,6	0,6	13,6	10,1	6,5	10,0	9,2	7,8
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	1,5	-1,3	-1,2	1,0	12,9	9,5	5,8	9,4	9,0	8,0
2.1.1 Telecomunicações	0,2	-1,7	-2,2	-1,3	1,7	-0,3	-2,8	-0,5	0,2	-0,3
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	2,1	-0,2	-0,2	3,6	31,6	25,4	19,3	25,2	24,0	21,8
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	1,9	0,7	-1,7	-1,5	20,9	15,5	11,7	15,8	10,7	6,2
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	-0,5	-1,0	-1,8	-1,2	12,9	10,1	4,8	9,2	7,5	4,1
3.1 Serviços técnico-profissionais	-6,1	2,7	-4,1	-2,1	12,5	17,5	5,8	11,8	13,7	10,3
3.2 Serviços administrativos e complementares	0,0	-1,7	-1,3	-1,7	12,9	7,1	4,3	8,0	5,1	1,8
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	0,6	-1,8	-0,3	-0,5	19,3	13,8	9,9	14,3	15,3	11,8
4.1 Transporte terrestre	-0,7	-0,7	1,0	-0,6	16,8	10,8	8,3	11,9	14,7	10,9
4.2 Transporte aquaviário	-2,6	0,0	1,4	1,0	17,6	13,6	14,6	15,3	13,7	12,7
4.3 Transporte aéreo	6,4	-9,0	-5,3	-1,3	86,4	39,6	26,6	49,6	35,3	17,7
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,4	0,4	-1,4	-0,1	12,8	13,3	8,3	11,4	13,0	11,8
5. Outros serviços	2,4	-6,4	-6,7	-3,7	4,2	-1,6	-6,1	1,1	7,0	7,3
Atividades Turísticas²	4,5	0,9	1,0	9,4	4,2	37,0	26,8	38,1	20,7	7,6

Fonte: PMS/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

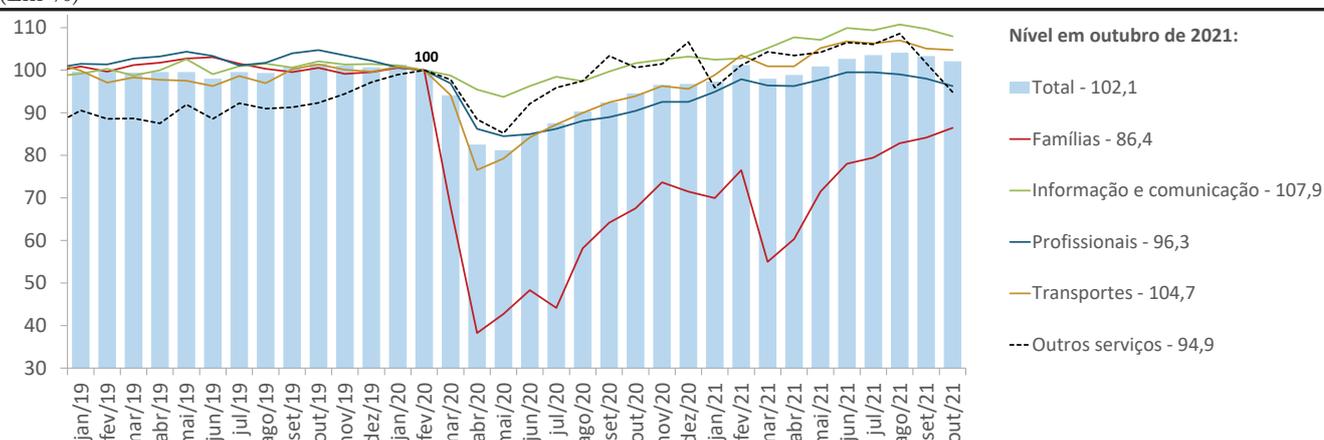
Notas:

¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² Índice especial construído a partir de agrupamentos de segmentos associados à atividade turismo.

Segmento no qual a interação presencial é mais necessária, os serviços prestados às famílias registraram aumento de 17,7% no acumulado do ano até o mês de outubro. Com isso, ainda se encontra em um patamar 13,6% inferior ao observado em fevereiro de 2020 (gráfico 6). Em um cenário no qual os demais segmentos vêm apresentando alguma perda de tração, como é o caso do grupo outros serviços, a continuidade dessa trajetória de recuperação continua sendo um importante *driver* para o crescimento da economia. Embora o seu hiato em relação ao nível anterior à pandemia venha se fechando, os dados divulgados pelo Google mostram que o processo de recuperação dos níveis de mobilidade urbana ainda apresenta margem para crescimento nos próximos meses (gráfico 7).

GRÁFICO 6
Serviços: evolução do total e subsetores – séries dessazonalizadas (jan./2019-out./2021)
 (Em %)

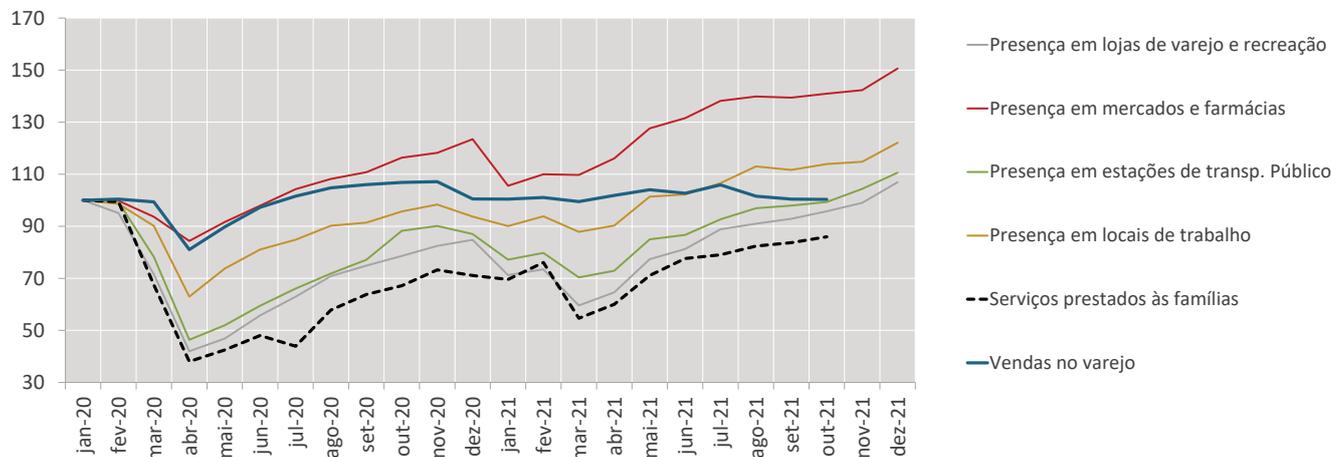


Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7

Indicadores de mobilidade versus atividade econômica (jan./2020-dez./2021)
(Em %)¹



Fonte: IBGE e Google.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Variação em relação aos níveis de janeiro de 2020.

Para novembro, a Dimac/Ipea estima que o volume de serviços medido pela PMS apresente alguma recuperação, com alta de 0,4% na série sem efeitos sazonais, atingindo patamar 7,4% acima do mesmo período do ano passado. Com isso, o *carry-over* para o quarto trimestre ficaria em -1,3%. Entre os cinco segmentos, o resultado positivo seria bastante disseminado, com destaque novamente para os serviços prestados às famílias, com alta de 1,1% na margem. Por sua vez, os serviços de informação e comunicação voltariam a recuar, cedendo 0,8% (tabela 9).

TABELA 9

Serviços: desempenho recente e previsão para novembro de 2021 – variação contra o período anterior dessazonalizada
(Em %)

	Jun./21	Jul./21	Ago./21	Set./21	Out./21	Nov./21 (previsão)
Serviços	1,8	0,9	0,5	-0,7	-1,2	0,4
Serviços prestados às famílias	9,2	1,8	4,3	1,6	2,7	1,1
Serviços de informação e comunicação	2,6	-0,5	1,2	-0,9	-1,6	-0,8
Serviços profissionais, administrativos e complementares	1,8	0,0	-0,5	-1,0	-1,8	0,4
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,5	-0,4	0,6	-1,8	-0,3	0,5
Outros serviços	2,2	-0,4	2,4	-6,4	-6,7	0,7

Fonte: Ipea; IBGE.

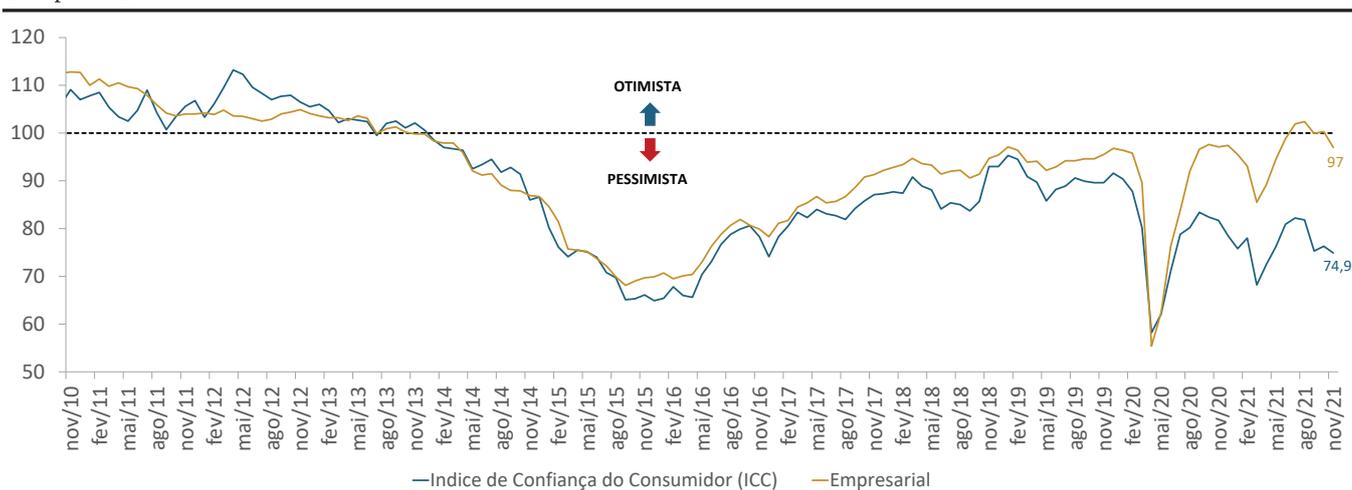
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

5 Confiança

Refletindo a desaceleração da atividade econômica nos últimos meses, assim como o aperto na política monetária implementado pelo BCB, o comportamento dos indicadores de confiança dos agentes voltou a deteriorar de maneira generalizada em novembro. De acordo com as pesquisas Sondagens Setoriais, o Índice de Confiança Empresarial (ICE) atingiu o patamar de 97 pontos em novembro, voltando a ficar abaixo da zona neutra que separa otimismo de pessimismo. Este resultado se deve a uma piora generalizada entre as atividades econômicas, com destaque para a confiança no setor de comércio, que recuou 6,2 pontos entre novembro e outubro,

nas séries já sem efeitos sazonais. Já o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) também apresentou retração, indicando maior preocupação com a inflação e o mercado de trabalho por parte das famílias. Com isso, a diferença para o nível de confiança dos empresários ficou em 22,1 pontos (gráfico 8).

GRÁFICO 8
Indicadores de confiança: empresarial versus consumidores – séries dessazonalizadas (nov./2010-nov./2021)
 (Em pontos)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Diretor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor Adjunto)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Editor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Fábio Servo
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos
Leonardo Mello de Carvalho
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter
Andreza Aparecida Palma
Cristiano da Costa Silva
Felipe Moraes Cornelio
Paulo Mansur Levy
Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Caio Rodrigues Gomes Leite
Felipe dos Santos Martins
Felipe Simplicio Ferreira
Izabel Nolau de Souza
Marcelo Lima de Moraes
Pedro Mendes Garcia
Rafael Pastre
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.